

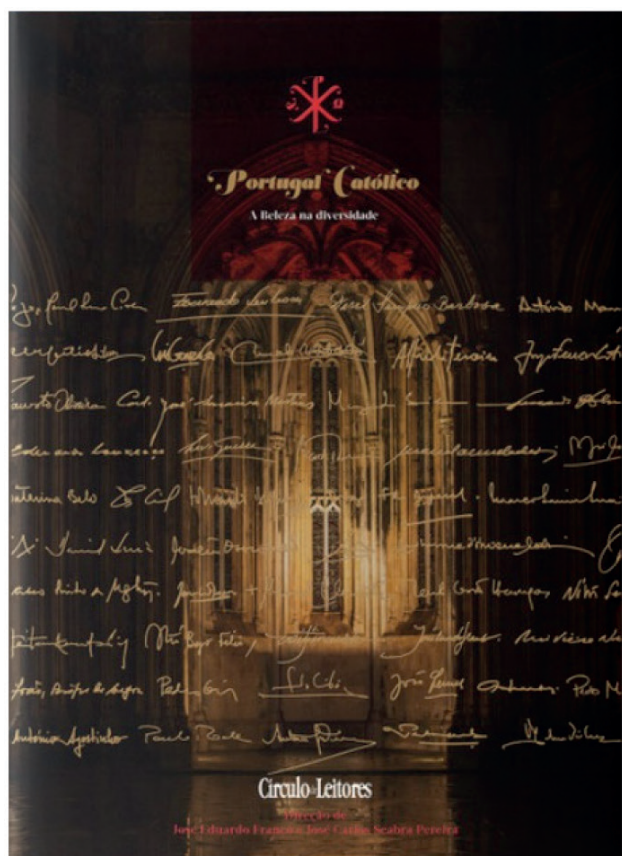
José Eduardo Franco, José Carlos Seabra Pereira (dir.). (2017).
Portugal católico — A beleza na diversidade. Círculo de Leitores. [Lisboa]. 791 pp.

ISABEL PONCE DE LEÃO

Em torno de *Portugal católico — A beleza na diversidade*

Coragem, é preciso muita coragem, e também muita ousadia para consolidar a empreitada que *Portugal católico* enforma. O avanço do islamismo e das religiões neopentecostais tem contribuído para uma evasão de fiéis do catolicismo. Além disso, conflitos ideológicos como o direito dos homossexuais e o papel da mulher, acusações de pedofilia no seio da Igreja, atingem a imagem dos agentes do catolicismo. As próprias redes sociais constituem um desafio à modernização católica, porque mobilizadoras de, nem sempre, grandes causas.

Livros como este são raros, porque o assunto é, frequentemente, vítima da hermenêutica de crentes e de não crentes. Mas a obra é para todos. O título encerra algo de provocação e de desafio. Mas, afinal, trata-se, como observa no prefácio José Carlos Seabra Pereira, «de fazer o



ponto da situação das presenças e ausências, dos acertos e desacertos, das forças e fraquezas das perspectivas cristãs, através de um discurso de rigor e numa escrita capaz de chegar a um vasto público de leitores católicos e não católicos, de vários estratos socioculturais».

Não é uma história da Igreja católica, ainda que também exista, mas as faces positivas e menos positivas decorrentes da secularização da nossa sociedade. O virtuosismo da obra está, por um lado, no facto de modernidade e tradição católica serem examinadas à luz de várias sensibilidades para com os dramas permanentemente associados à condição humana; por outro lado, é ressaltada a pertença do catolicismo a uma tradição intelectual construída à medida que a civilização ocidental se tem vindo a consolidar. Assim, o catolicismo surge como um campo de ideias, que indica o caminho mais consequente e rigoroso para o debate sobre a religião, equidistante da impaciência dos crentes ou da arrogância dos ateus.

Esta obra monumental, dirigida por José Eduardo Franco e por José Carlos Seabra Pereira, de cerca de 800 páginas, conta com várias centenas de magníficas fotografias e com quase 200 textos de outros tantos autores, dos mais diversos quadrantes do catolicismo português que, amplamente, justificam o subtítulo — *A beleza da diversidade*.

Entro na obra e deparo-me com quatro notáveis textos — uns mais que outros, claro — de Marcelo Rebelo de Sousa, de Manuel Clemente, de António Guterres e de Fernando Echevarría. Os nomes falam por si. Aqui se reflete sobre as tradições católicas em Portugal, o papel do papa Francisco, as várias faces do cristianismo e o indissociável binómio catolicismo/democracia. Uma palavra à parte me merece o poema de Fernando Echevarría, «O esquecimento a si se foi esquecendo», magnífico convite ao recolhimento rumo a uma reflexão dos valores morais com esperança no porvir. Este aparato paratextual, que as excelentes fotografias de interiores e de exteriores de monumentos e de imagens sacras completam, é forte motivação para se prosseguir na descoberta do livro, que o já citado prefácio de José Carlos Seabra Pereira orienta e esclarece.

A estrutura da obra e a simbólica dos nomes dos capítulos, ordenados segundo uma sequência lógica respeitadora de uma ordem cronológica, são o espelho do que se encontra dentro. Em cada capítulo são chamados a colaborar nomes de intelectuais, de referência indiscutível, da teologia, do direito, da arte, da literatura, da música, da medicina, da história, enfim, do que mais abrangentemente denomino cultura. Na impossibilidade de falar em todos, e para não correr riscos de involuntárias omissões, não particularizarei nenhum, mas saúdo, desde já, a valiosíssima colaboração.

Espreitando cada um dos capítulos, vejo, em «A força dos fundamentos», a génese e a explicação do catolicismo em textos que percorrem as várias áreas do conhecimento.

«A beleza na diversidade», também subtítulo da obra, mostra as diferentes moradas da casa de Deus (Jo 14, 2) e o acolhimento dado a todos e a cada um, segundo as idiossincrasias próprias. Aí se lê: «Este segundo capítulo de *Portugal Católico* preludia também tudo quanto nesta obra será questão de linguagem e da educação, e da beleza que há-de salvar o mundo».

Justamente, «Estar no mundo» repensa a forma como o catolicismo pode e deve reenquadrar valores inalienáveis e constitutivos. A Igreja e o mundo, com toda a diversidade que encerra, instituem-se binómio indissociável.

«O esplendor do silêncio» é o convite ao recolhimento, à meditação, à introspeção, para que cada um se encontre a si próprio. Médicos, sociólogos, psicólogos, teólogos apontam os perigos gerados por contínuos ruídos fragilizadores da mente humana.

Por isso «Rezar, celebrar e peregrinar» será o *continuum* desse silêncio. O sacrifício que conduz ao sonho, sem dúvida também alimento da vida. O percurso da humildade é aqui desenhado na prossecução da vida. Ergue-se o nome de Portugal enquanto protagonista da globalização do cristianismo, logo

com uma vocação indómita de país peregrino para anunciar a Boa Nova (Mc 16, 15).

É esta humilde peregrinação que gera «A solidariedade integral», que só a impregnação do amor de Deus consente. A medicina ocupa, neste capítulo, lugar eletivo. Cooperação, distribuição, sentido do próximo, fé e esperança. Desde o batismo, é esse o nosso desígnio.

É ainda essa mesma solidariedade que faz «Abraçar as margens e as minorias», num claro respeito pelas diferenças, numa perspetiva integradora ecuménica, de que o papa Francisco é superior arauto. Aqui se encontram propostas de ação para que esse fraternal abraço se concretize.

Todos iguais, todos diferentes, porque se acredita n'«A fecundidade do pensamento e da comunicação». Se o pensamento primeiro pode ser um ato isolado, só a sua partilha pode ajudar os católicos. Acredite-se nas novas tecnologias, mas creia-se, sobretudo, na comunicação fraterna, apesar de a Igreja se esforçar por acompanhar o ritmo de mais ou menos efémeras novidades. Mas isso, só o futuro o dirá.

«Inspirar a arte e fabricar património» assenta nas palavras de João Paulo II: «para transmitir a mensagem que Cristo lhe confiou, a igreja tem necessidade de arte». De facto, só a arte materializa a espiritualidade, e esta materialidade torna-se instrumento de evangelização e potencializa o património.

«Movimentos na história» é um magnífico capítulo que demonstra como a Igreja tem tentado responder aos anseios dos homens de cada época e de cada lugar: a sua capacidade de alteração e de adaptação, as respostas que giza para diferentes situações. «É na tensão entre carisma e poder, entre voz profética e instituição, entre direito e liberdade, entre tradição e criatividade pastoral que actua o Espírito que equilibra a maravilhosa roda da Igreja, em movimento na história, para transfigurá-la».

Na senda da solidariedade começa-se a «Empreender, criar e distribuir riqueza». Aqui se toma o debate sobre temas económicos que o papa Francisco relançou e também se projeta o fim da exclusão e das desigualdades sociais. Há que «Universalizar a boa nova». Portugal tem essa missão. Deve abraçar os homens, abraçar o mundo e levar-lhe a mensagem de Cristo. Temos, de facto, um compromisso missionário em todas as latitudes. Uma forma de evangelização é «Educar as novas e as velhas gerações», motivá-las para as dimensões determinantes da sua vida. A educação é determinante de atos presentes e futuros. É uma forma de arte, direi, para a qual a Igreja portuguesa muito tem contribuído. Educar sem coagir, outrossim motivar. O esquecimento de alguns valores católicos está na génese de determinadas crises vivenciadas, sobretudo pela juventude.

Tudo isto está na base das «Sementes do Futuro». É preciso, hoje, transmitir a verdade e a fé, priorizar a partilha de experiências e sugerir percursos normativos que sustentem a era cristã. O hoje passou. É preciso investir no amanhã. As crianças e os jovens são a promessa do futuro. Abramos o diálogo e encaremos a Igreja, na era digital, com as mesmas mensagens veiculadas por meios diferentes. A Igreja, sem ser de forma cauta, mas sempre de mão dada com o progresso.

As conclusões da obra apontam para tudo isto. Nelas se lê:

Esta obra, que agora se conclui, é pois um contributo para situar o catolicismo português neste tempo, neste presente, com todas as possibilidades, vicissitudes e desafios que ele apresenta à Igreja, e aos quais a mesma Igreja está a responder através do esforço histórico e do seu dever renovado de estar sempre atenta aos sinais dos tempos, agindo inspirada no Espírito.

Conseguiu-o, de facto. Rematam a obra dois belíssimos poemas, de David Mourão-Ferreira e de Daniel Faria. A eles se segue uma exaustiva e atual bibliografia e tábuas onomásticas, de créditos fotográficos, de abreviaturas, de símbolos e de siglas, e os naturais agradecimentos a todos os que viabilizaram a presente publicação.

Não será despiciente observar duas particularidades da obra: a preocupação pedagógica,

em termos estruturais e conteudísticos, facilitadora da leitura, por pessoas de diferentes formações; e a perseguição do belo, do apetecível, de um arejamento que quebra tabus.

Para isto, muito contribui o aparato fotográfico. Além da excelência da qualidade, a arte sacra cruza-se com o quotidiano dos povos, das tradições, dos rituais, insinuando que o sagrado está nas atitudes e nos valores das nossas vivências.

Escondidos, quase secretos oaristos, iluminam a obra breves textos poéticos de José Augusto Seabra, Ruy Cinatti, Bernardo Soares, José Luís de Almeida Monteiro, Diogo Bernardes, António Vieira, Sebastião da Gama, Eugénia

Magalhães, Jorge de Sena, Luís de Camões, Teixeira de Pacoaes, Miguel Torga, Ricardo Reis e Sophia de Mello Breyner Andresen, que se instituem motivações/indicações de leitura para o capítulo que precedem.

Mais não se pode pedir. José Eduardo Franco e José Carlos Seabra Pereira, bem como todos os restantes colaboradores, não só prestaram um enorme tributo ao catolicismo, como a toda uma sociedade ecuménica, revelando a «beleza na diversidade». Se outros predicados não tivesse – que os tem –, *Portugal católico*, não se afastando do politicamente correto, relança o debate sobre o catolicismo em Portugal.